



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III**

**CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**ALDIANY LUNA OLIVEIRA**

**“ORGULHO DC” (2021): CONSIDERAÇÕES SOBRE PERSONAGENS LGBTQIA+  
EM UMA HISTÓRIA EM QUADRINHOS**

**GUARABIRA  
2022**

ALDIANY LUNA OLIVEIRA

**“ORGULHO DC” (2021): CONSIDERAÇÕES SOBRE PERSONAGENS LGBTQIA+ EM UMA HISTÓRIA EM QUADRINHOS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em História.

**Área de concentração:** História Cultural.

**Orientador:** Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima

**GUARABIRA  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48o Oliveira, Aldiany Luna.  
"Orgulho DC" (2021) [manuscrito] : considerações sobre personagens LGBTQIA+ em uma história em quadrinhos / Aldiany Luna Oliveira. - 2022.  
22 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima ,  
Coordenação do Curso de História - CH."

1. Orgulho DC. 2. LGBTQIA+. 3. História em quadrinhos. I.  
Título

21. ed. CDD 907.2

ALDIANY LUNA OLIVEIRA

**“ORGULHO DC” (2021): CONSIDERAÇÕES SOBRE PERSONAGENS LGBTQIA+ EM UMA HISTÓRIA EM QUADRINHOS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em História.

**Área de concentração:** História Cultural.

Aprovada em: 02/12/2022.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dra. Alômia Abrantes da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Profa. Dr<sup>a</sup> Susel Oliveira da Rosa  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico a minha família, em especial a minha mãe Gláucia, meu pai Aldo, meu irmão Arthur e meu padrasto Dorivaldo, e a meus amigos queridos.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Nightwing na capa da variante #81 Orgulho DC .....	14
Figura 2 –	Batwoman .....	16
Figura 3 –	Alan Scott e Todd Rice .....	17
Figura 4 –	Sonhadora e Brainiac-5 .....	18
Figura 5 –	Cérebro e Mallah .....	19
Figura 6 –	Jackson Hyde enfurecido devido ao feitiço do Eclipso .....	20
Figura 7 –	Liga da Justiça Queer .....	21

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
2	<b>HISTÓRIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS</b> .....	9
3	<b>PERSONAGENS LGBTQIA+ NAS HQS</b> .....	10
4	<b>DC PRIDE</b> .....	14
4.1	<b>Kate Kane/Batwoman</b> .....	15
4.2	<b>Alan Scott/Lanterna Verde e seu filho, Todd Rice/Manto Negro</b> .....	16
4.3	<b>Nia Hal/Sonhadora</b> .....	17
4.4	<b>Cérebro e Mallah</b> .....	18
4.5	<b>Jackson Hyde/Aqualad e Syl</b> .....	19
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	20
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	22

## “ORGULHO DC” (2021): CONSIDERAÇÕES SOBRE PERSONAGENS LGBTQIA+ EM UMA HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Aldiany Luna Oliveira<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho propõe apresentar a Revista de história em quadrinhos no formato coletânea, intitulada: “DC Pride”, que tem por intuito celebrar o orgulho LGBTQIA+. Publicada nos Estados Unidos originalmente em junho de 2021; a edição analisada neste projeto conta com tradução de Dandara Palankof e Marília Beatriz, e publicação no Brasil em maio de 2022. Além da referida fonte, a pesquisa estabelece um amplo diálogo com a bibliografia sobre o tema, partindo de autores como Waldomiro Vergueiro, Bernardo Machado e Iuri Reblin, bem como a utilização do conceito de “representação” de Roger Chartier, que elucida a necessidade, para toda a sociedade, desse tipo de prestígio e reconhecimento. A visibilidade da comunidade LGBTQIA+, por exemplo, pode ampliar seu destaque sobre ela, o que diminuiria violências e preconceitos, além de encorajar pessoas a se assumirem, bem como aos pais e familiares compreenderem e aceitarem seus filhos como são, principalmente em um dos países que mais matam LGBTQIA+ no mundo. É imprescindível, então, conhecimento em relação a este assunto e sobre essas pessoas, e reflexão, pois não é somente uma luta por visibilidade e maior visibilidade em mídias sociais, mas também e principalmente pela sobrevivência e bem-estar desses sujeitos.

**Palavras-chave:** Orgulho DC. LGBTQIA+. Histórias em Quadrinhos.

### ABSTRACT

The following essay aims to introduce the comic book magazine in coletaneous format, entitled: "DC Pride", which aims to celebrate the LGBTQ+ pride. Originally published in the United States in June 2021, the edition that was analyzed in this project counts with the translation by Dandara Palankof and Marilia Beatriz, published in Brazil in May 2022. Besides the referred source, the research establishes a wide dialogue with the bibliography about the subject, starting from authors such as Waldomiro Vergueiro, Bernardo Machado and Iuri Reblin, as well as the using of Roger Chartier's "representation" concept, which elucidates the necessity, for all society, of this kind of prestige and recognition. The LGBTQIA+ community visibility, for example, can amplify its highlight upon it, which would decrease violence and prejudice, besides encouraging people to come out, as well as parents and relatives to comprehend and accept their kids as they are, especially in one of the countries that kills LGBTQIA+ the most in the world. It's indispensable, then, knowledge on this matter and on these people, and reflection, for it is not only a fight for visibility and bigger visibility in social media, but also and mainly for these people's survival and well being.

**Keywords:** DC Pride. LGBTQIA+. Comic Books.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Email: [aldiany97@gmail.com](mailto:aldiany97@gmail.com)



## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata sobre a Revista de história em quadrinhos no formato coletânea *DC Pride*, que tem por intuito celebrar o orgulho LGBTQ+<sup>2</sup>, publicada nos Estados Unidos originalmente em junho de 2021; a edição aqui trabalhada conta com tradução de Dandara Palankof e Marília Beatriz, e publicação no Brasil em maio de 2022 sob o título de *Orgulho DC*. Desta forma, a proposta deste texto se baseia em apresentar a representação referente à incorporação dessa comunidade no meio das histórias em quadrinhos. Considera-se que esta edição é de extrema importância ao dar espaço para esse grupo, além de levantar importantes questões sobre dificuldades pessoais no processo de compreensão e autoaceitação de indivíduos desta comunidade, como é o caso do *Lanterna Verde Alan Scott*<sup>3</sup> que só conseguiu se enxergar como homem gay após o seu filho se assumir homossexual.

Sendo assim, a publicação conta com doze histórias diferentes de personagem e casais distintos que fazem parte desse coletivo; cinco foram escolhidas por adentrarem nas questões de incertezas no entendimento de sua própria sexualidade, tal qual a liberdade e respeito ao ser quem é. Além da referida fonte, a pesquisa estabelece um amplo diálogo com a bibliografia sobre o tema, partindo de autores como Waldomiro Vergueiro, Bernardo Machado e Iuri Reblin, bem como a utilização do conceito de “representação” de Roger Chartier, que elucida a necessidade, para toda a sociedade, desse tipo de prestígio e reconhecimento.

Diante disso, a escolha se dá devido à experiência própria com o conteúdo e com os tópicos debatidos e expostos na HQ<sup>4</sup>, como insegurança, tentativa da normalização das relações homoafetivas, liberdade na escolha de quem se ama, respeito independente de gênero ou orientação sexual, visibilidade da luta pelos seus direitos, incompreensão sobre si próprio, além da inclusão de personagens LGBTQIA+ em um espaço dedicado só para elas e da variedade de representatividade, visto que é utilizada, inclusive, linguagem neutra em personagens “não-binárias”, que não se identificam com o binarismo “homem-mulher”; ocorrendo, então, a troca dos artigos “a” e “o” na determinação de gênero, para o “e” ou “u”, como dito por “*Batuqueirinha*” na frase “eu virei minhe própria heroíne... [...]” (ORGULHO DC, 2021, p. 70).

Ademais, a decisão pelo tema também ocorreu durante a reflexão causada por um claro exemplo de preconceito para com esta comunidade após o lançamento da HQ *Superman: Son of Kal-El #6* (2021), na qual aparece o *Jon Kent*<sup>5</sup> beijando um outro rapaz, o *Jay Nakamura*, com quem começa um relacionamento amoroso, sendo o protagonista, de acordo com seu criador Tom Taylor, bissexual. Esta ação provocou uma grande reação nas redes sociais com diversas manifestações contra esse romance e sexualidade do herói por parte dos fãs de quadrinhos, em tom desproporcional e hostil.

<sup>2</sup> Sigla que significa, respectivamente, Lésbica, Gay, Bissexual, Transgênero/Transexual/Travesti e Queer; atualmente também são inseridas as letras “I” e “A”, significando Intersexual e Assexual. Nesta edição de história em quadrinhos, é utilizada a sigla sem essas duas últimas terminologias, sendo elas e outras além sendo representadas pelo símbolo “+”.

<sup>3</sup> Considerado o *Lanterna Verde* “original”, pois, apesar de haver vários personagens que utilizaram o nome, instrumentos e funções do *Lanterna Verde*, foi o primeiro a aparecer como tal, na HQ “*All-American Comics #16*” de 1940.

<sup>4</sup> Diminutivo de “história em quadrinhos”

<sup>5</sup> Filho do Superman Kal-El, também conhecido como Clark Kent.

Para melhor se informar sobre o tema deste trabalho, é indicada a leitura da dissertação de Dandara Cruz, intitulada “A outra ponte do arco-íris: discursos e representações LGBTT nas histórias em quadrinhos de super-heróis norte-americanas” (2017); Lucas Dalberto na publicação “Reflexos do imaginário social na representação do homossexual nas histórias em quadrinhos” (2014); e Iuri Reblin em “Relacionamentos homoafetivos nos quadrinhos e seu lugar na discussão acerca do princípio da igualdade de direitos” (2012).

Portanto, a divisão d trabalho ocorre da seguinte forma: após a introdução, que traz a explicação inicial sobre do que se trata e como foi escolhido o tema do texto, vem a história das histórias em quadrinhos, mostrando o percurso que o hipergênero precisou percorrer para se legitimar; no terceiro tópico será exposto como os personagens LGBTQIA+ foram vistos inicialmente nos quadrinhos e como essa representatividade foi ocorrendo nesse meio. Em seguida acontece a apresentação da HQ escolhida e das cinco histórias que constarão neste artigo. Por fim, serão discorridas as considerações finais.

## 2 HISTÓRIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Para se compreender o atual contexto em que estão inseridas as histórias em quadrinhos, é necessário percorrer sua história em si e descobrir a luta dos escritores para conseguir a legitimação desta categoria. Desse modo, historicamente, pode-se dizer que, para alguns estudiosos, essa forma narrativa sequencial gráfica denominada de história em quadrinhos está presente desde os desenhos rupestres, que contavam desde acontecimentos diários até possíveis previsões dos povos “pré-históricos”. Assim, temos uma história de narrativas como as imagens sequenciais que faziam parte, no século XI, de tapetes e ornamentos bordados expondo histórias de momentos importantes das sociedades medievais europeias, ao exemplo da *tapeçaria de Bayeux*.

Nesse sentido, como um meio de comunicação em massa moderno, existe desde meados do século 19, ainda que só posteriormente receberia o reconhecimento das histórias em quadrinhos como uma forma de arte. O pioneirismo teria ocorrido com o suíço Rodolphe Töpffer, com a obra *Monsieur Jabot* de 1833, dispondo de elementos que seriam característicos do gênero, como os desenhos sequencialmente narrando uma história, colocados em quadrinhos com um espaço, chamado de “sarjeta”, entre eles, além do texto escrito ora como diálogo, ora como descrição de cena (MACHADO, 2018). Após isso, anos mais tarde, já no final do século, o ilustrador Richard Outcault introduziu em *The Yellow Kid* (1894) outro componente que viria a ser um grande aspecto deste gênero: os balões contendo falas ou pensamentos das personagens.

Decorridas algumas décadas de diversas publicações em formatos diferentes, o considerado marco inicial dos quadrinhos como reconhecidos hoje foi a publicação de *Superman #1* na revista *Action Comics* de 1938, introduzindo o subgênero “Comic Books”, direcionado ao público infanto-juvenil. Vergueiro (2011) afirma que foi aí que se iniciou a perseguição de pais e educadores para com os quadrinhos, dizendo que

O período mais acirrado de perseguição ao meio [...] pode ser visto como um momento de preparação para a transposição dos limites da linguagem. À mesmice de uma produção padronizada, massificada e padronizadora seguiu-se um momento de ajuste, em que proposições diferenciadas de

produção e composição estética eram expressas em diversas partes do mundo. (VERGUEIRO, 2011, p. 5).

Acreditava-se, então, que os quadrinhos atrapalhavam o desenvolvimento intelectual e cognitivo das crianças e adolescentes (VERGUEIRO, 2005). A partir da década de 1960, com o aumento de interesse dos estudiosos para com o hipergênero que é a história em quadrinhos, foi se provando que tais resistências não tinham nenhuma base científica. Hoje em dia, é de conhecimento público que quem ler quadrinhos “não se sai pior, ou melhor, na escola em virtude de sua preferência de leitura, nem lê mais ou menos livros sérios do que aqueles que não consomem quadrinhos e nem são indivíduos deslocados na sociedade” (VERGUEIRO, 2005, p. 3).

As histórias em quadrinho, doravante, HQs popularizaram-se de vez após o subgênero “graphic novel”, com influência de Will Eisner, na década de 1970, tratando-se de quadrinhos com edições mais parecidas com livros, contendo encadernamento duro e com acabamentos mais delicados, além de uma história voltada para o público mais adulto. Vergueiro, sobre isso, cita que esta

nova denominação abriu as portas de outros espaços de comercialização e exposição para as produções quadrinísticas, elevando-as a um novo patamar artístico no último quarto do século 20 e início do século 21. Mais que isso: como formato de produção, as graphic novels tornaram possível quebrar a barreira entre os quadrinhos industrializados e os alternativos. Elas criaram condições para um mercado diferenciado, em que a qualidade artística, o aprofundamento psicológico, a ousadia do design e a complexidade temática passaram a ter seu valor melhor equacionado. (VERGUEIRO, 2011, p. 9).

Diante disso, a mudança de perspectiva foi tamanha que os quadrinhos chegaram a ser considerados uma arte, junto com teatro, dança, música, pintura etc. Atualmente, este gênero é utilizado também em salas de aula, com obras como *Maus* (1980) de Art Spiegelman e o mangá *Gen Pés Descalços* (1972-1973) de Keiji Nakazawa.

A seguir será apresentada a história das personagens LGBTQIA+ nas histórias em quadrinhos, sendo expostas tanto as dificuldades de inserção neste meio, como as primeiras personagens homossexuais e alguns exemplos de personagens LGBTs no gênero superaventura. Também será citada a visão de Roger Chartier sobre o conceito de representação, no qual ele defende a necessidade de mudança na visão sobre as sociedades e o acompanhamento das práticas culturais representando as novas constituições deste corpo social.

### **3 PERSONAGENS LGBTQIA+ NAS HQS**

As histórias em quadrinhos acompanham de perto eventos e momentos contemporâneos às suas escritas, como o *Capitão América*, na Editora Marvel, criado em 1941, durante a Segunda Guerra Mundial ou o *Incrível Hulk*, de 1962, no contexto da Guerra Fria e da ameaça nuclear; o mesmo acontece com a representação da comunidade LGBTQIA+, mesmo sofrendo muita resistência social.

Essa resistência ganha força na década de 1950, com a publicação do livro *Sedução dos Inocentes* (1954), escrito pelo psiquiatra Fredric Wertham, no qual ele afirmava que as HQs, além de prejudicar a ação cognitiva das crianças e dos adolescentes, também incentivavam relações afetivas e/ou sexuais entre pessoas

do mesmo sexo, em um período em que as práticas homossexuais eram consideradas anormais e até criminosas:

Wertham sugeriu que personagens como Batman e Mulher Maravilha estavam em um relacionamento afetivo com os personagens coprotagonistas ou coadjuvantes de suas histórias, Robin e as amazonas, respectivamente, e que essas histórias estimulavam a delinquência juvenil por abordarem temas impróprios e condenáveis, tais como crime, horror, sadomasoquismo e comportamento sexual. (REBLIN, 2012, p. 3).

Por causa dessa situação, foi lançada a HQ intitulada *Fredric, William E A Amazona. Perseguição E Censura Aos Quadrinhos* (2021) que fala sobre o “encontro” entre o psiquiatra e William Marston, criador da *Mulher Maravilha* (1941). Ainda em 1954, diante do sucesso do livro de Wertham, além da baixa venda de quadrinhos, foi criado um código de ética e censura para regular o que e como os conteúdos iriam ser expostos nas histórias em quadrinhos. O Comics Code Authority foi criado pela Comics Magazine Association of America (CMAA), uma organização composta por grandes editoras de quadrinhos dos Estados Unidos, com o intuito de fugir de regulamentações externas, visto que já se ocorriam diversos debates sobre isso no senado juntamente da população, durou de 1954 até 2011 e obrigava os escritores a seguirem uma lista de regras para a publicação das obras.

A primeira versão apresentava, como retrata Iuri Reblin (2012, p. 4), uma seção específica para “casamento e sexo”; a questão da homossexualidade foi tratada de forma velada nos pontos 2, 4 e 6, dizendo, respectivamente, que “as relações sexuais ilícitas não devem ser nem insinuadas nem retratadas. Cenas de amor, assim como anormalidades sexuais são inaceitáveis”; “o trato de histórias de amor-romance devem enfatizar os valores do lar e a santidade do casamento”; “a perversão sexual ou a inferência ao mesmo são estritamente proibidas”. Nesse caso, percebe-se que relações homoafetivas eram apresentadas como algo ilícito, anormal, perverso, logo, não poderiam ser mostradas a crianças e adolescentes nos quadrinhos.

A mudança mais significativa ocorreu na terceira e última edição do Código, publicada em 1989, na qual toda sua estrutura foi refeita. Nesta versão, a homossexualidade está explícita no decorrer das normas, como no tópico “Instituição”, onde há o incentivo ao “enfoque positivo” de “grupos nacionais, sociais, políticas, culturais, étnicos e raciais reconhecidos, instituições religiosas e autoridades responsáveis pela aplicação da lei”, assim como “grupos sociais identificáveis por seu estilo de vida, como os homossexuais, os desfavorecidos economicamente [...]”; também podemos ver tal ação no item “Linguagem”, dizendo que “referências a [...] preferências sexuais [...] quando apresentados no sentido pejorativo para fins dramáticos, serão mostrados como inaceitáveis”; um terceiro ponto apresentado nessa publicação é chamado de “Caracterizações” e expressa que “representações de personagens são cuidadosamente trabalhados e mostrarão sensibilidade às orientações nacionais, étnicas, religiosas, sexuais e socioeconômicas” (REBLIN, 2012, p. 6-7), mostrando como errado qualquer preconceito ou humilhação contra qualquer personagem que se encaixe nessas categorias. Nesse sentido, a mudança para o respeito às diferenças vai acontecendo, mesmo que aos poucos, nas instâncias oficiais que regiam a produção das comic books, sendo um avanço com relação às primeiras edições do CCA.

No entanto, de 1989 até 2011, quando o texto é abolido, poucos são os personagens que “saem do armário” nas comics de superaventura, sendo postos

somente de forma discreta e sempre envolvendo personagens secundários; acredita-se que isso ocorre devido à ideia que se criou sobre o herói e sua história ter que retratar a masculinidade e virilidade do protagonista. O primeiro personagem a sair da norma, então, de forma explícita, foi o *Estrela Polar*, da Marvel, criado por John Byrne e Chris Claremont. Surgiu como participante da *Tropa Alfa*, grupo mutante que estreou em *Uncanny X-Men #120*, de 1983; inicialmente, foi criado como personagem homossexual, mas, devido ao Comics Code, sua sexualidade se manteve subliminar, sendo exposta somente em 1992, no quadrinho *Tropa Alfa #106* quando o personagem se assume gay “em uma história emblemática sobre homossexualidade e o combate da falsa compreensão de que a AIDS é uma ‘doença de gay’” (REBLIN, 2012, p. 12). Em 2012, o personagem se casa com seu namorado *Kyle Jinadu*<sup>6</sup>.

Após esta abertura de espaço para essas histórias, vários outros personagens foram aparecendo, gradualmente, assumindo-se LGBTQIA+ ou já estando em relacionamentos homoafetivos. Alguns dos exemplos expostos por Reblin (2012, p. 13) seriam a *Grace Choi* e *Tormenta*, que mantiveram um relacionamento até a reinicialização do universo DC (2011), também estão juntas na série *Black Lightning* (2018-2021); *Manto Negro*, que se assumiu em 2006 quando o *Todd James Rice* beija o namorado, *Damon Matthew*<sup>7</sup>; *Colossus*, do universo *X-Men*, que namorou o *Estrela Polar* (2005)<sup>8</sup> etc.

Diante disso, podemos verificar a importância da representatividade, segundo Chartier, que considera o conceito de “representação” à base das definições antigas, afirmando ter dois sentidos contraditórios:

de um lado, a representação manifesta uma ausência, o que supõe uma clara distinção entre o que representa e o que é representado; de outro, a representação é a exibição de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa. (CHARTIER, 2002, p. 74).

Sendo, então, uma representação de algo que ainda não existe, estando somente no imaginário de quem está “representando”, e o oposto, a representação do que já está presente no ambiente. Além disso, como afirma Coelho (2014), Chartier acredita que

as “representações” são construções sociais da realidade, em que os sujeitos fundamentam suas visões de mundo a partir de seus interesses e de seu grupo. Desta forma, os sujeitos e o grupo ao qual pertence criam representações de si mesmos e de outros grupos, fundamentando suas visões de mundo sobre as experiências históricas. As representações visam construir o mundo social, sendo elas matrizes dos discursos e das práticas dos grupos. Assim, compreender as representações dos grupos é compreender como o mundo dos mesmos é construído socialmente. (COELHO, 2014, p. 95).

Ou seja, nesse caso, as representações são construções das pessoas de acordo com suas próprias perspectivas e vivências, podendo ser elas coletivas ou individuais, como as visualizadas nos leitores dos campos franceses no século XVIII, quando a maior parte das leituras eram de livros religiosos, como o livro de horas, visto que a influência da Igreja Católica era exacerbada, e com a chegada da

<sup>6</sup> Edição Astonishing X-Men #51

<sup>7</sup> Edição Manhunter #18

<sup>8</sup> Edição Ultimate X-Men #65

Revolução Francesa houve uma mudança no desejo do tipo de leituras por parte dessas pessoas, mudando até o estilo de biblioteca camponesa (CHARTIER, 2002).

Outrossim, o autor apresenta outro aspecto que indica a importância da História e da História das Mentalidades em estudar esse conceito, principalmente ao se libertar de certas correntes como a busca de uma história total e fechada, sendo dito que, no transcorrer da tentativa de renúncia às historiografias com métodos anteriores, houve as

tentativas para decifrar de outro modo as sociedades, penetrando na meada das relações e das tensões que as constituem a partir de um ponto de entrada particular (um acontecimento, importante ou obscuro, um relato de vida, uma rede de práticas específicas) e considerando não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles. (CHARTIER, 1991, p. 177).

Neste caso, as histórias de pessoas vindas das camadas mais baixas da sociedade, as chamadas “minorias sociais”, poderiam ser contadas também. Ademais, “representação” é chamada de “luta” por Roger Chartier, uma vez que “[...] as produções intelectuais e estéticas, as representações mentais, as práticas sociais são sempre governadas por mecanismos e dependências desconhecidos pelos próprios sujeitos” (CHARTIER, 2002, p. 94), em uma clara exibição de que muitas vezes está além do poder ou influência do público, servindo como um tipo de massa de manobra das autoridades. Como bem explica Barros ao mostrar o exemplo de “prática cultural” com a visão da sociedade sobre a aceitação ou rejeição da figura do “mendigo” ao longo dos séculos, quando era bem aceito na Idade Média por poder servir aos interesses religiosos sendo objeto da “salvação do rico”, ou seja, “esta visão do pobre como ‘instrumento de salvação para o rico’ [...] é uma ‘representação cultural’.” (BARROS, 2005, p. 131), essas representações que o medieval tinha para com os pobres, gerou a já citada “prática cultural”, que seriam as produções da época voltadas para o cuidado ou exposição dessa personalidade. Na Idade Moderna, no entanto, a representação do mendigo muda e ele passa a ser visto como um marginal, possível bandido, tinha sua cabeça raspada, era açoitado e excluído da sociedade; ele

era agora penalizado por se mostrar aos poderes dominantes como uma ameaça contra o sistema de trabalho assalariado do Capitalismo, que não podia desprezar braços humanos de custo barato para pôr em movimento suas máquinas e teares, nem permitir que se difundissem exemplos e modelos inspiradores de vadiagem. (BARROS, 2005, p. 133).

Com este exemplo mostra-se que as chamadas representações são frutos do seu próprio tempo. A prática cultural que seria gerada nessa época seriam as “novas tecnologias de poder” que “passariam a visar a sua reeducação, e quando isto não fosse possível, a sua punição exemplar” (BARROS, 2005, p. 133). Diante de todo o exposto, percebe-se que as representações existentes na sociedade dependem das pessoas e suas ações e realizações, sendo essas práticas algo tanto privado, como quando uma pessoa interpreta um livro de determinada forma, ou quando um pintor refaz uma obra a partir do seu entendimento dela, quanto coletivo, como a criação de instituições de poder a depender de como as autoridades enxerguem tal necessidade.

Posteriormente, será trabalhada a HQ *DC Pride*, além das histórias escolhidas para serem expostas aqui, tendo como protagonistas personagens bem conhecidos do público de quadrinhos de superaventura, como a *Batwoman* e o *Lanterna Verde* original, além de personagens mais novos e não tão conhecidos representados pela *Sonhadora*.

#### 4 DC PRIDE

A *DC Pride* é uma proposta da empresa norte-americana de Histórias em Quadrinhos DC Comics que tem a finalidade de celebrar o orgulho LGBTQIA+ dando espaço para as personagens que fazem parte desta comunidade que estão dentro do universo DC, seja com importantes reflexões sobre a luta pela visibilidade ou pela “simples” sobrevivência, seja com somente a possibilidade de mostrar e introduzir estes personagens no universo DC. Todo ano, durante o mês do orgulho, será lançada uma edição comemorativa diferente, iniciada em junho de 2021, bem como várias impressões que ocorrem nesse mês terão uma capa da variante do Orgulho estampando o selo “Pride DC”, contendo as cores da bandeira LGBTQIA+ ou a bandeira juntamente com o nome “DC” e “Pride”, como visto na figura 1, na qual conforme apontado no selo “DC Pride”, o personagem *Asa Noturna* reconhecido anteriormente com o primeiro *Robin* vindo do circo no qual participava na atração “Os Graysons voadores”, fica numa pose de malabarista e, em destaque a bandeira signo do movimento, ratificada pelo reflexo numa espécie de arco-íris na imagem. A escolha do campo de visão de baixo para cima, numa perspectiva cujo eixo y da imagem e formato da capa são ressaltadas. A ideia de movimento no plano bidimensional na parte superior significa dificuldade, ou seja, a arte dialoga com o tema. Trata-se de uma capa variante, surge na revista como elemento paratextual, independente das narrativas, destaca-se esta capa pela visibilidade do personagem no mundo das HQs.

Neste estudo, conforme ressaltamos, foram selecionadas cinco histórias que envolvessem questões como liberdade, reconhecimento da própria orientação sexual, orgulho de sua sexualidade, etc., e serão apresentadas sobre a primeira edição do “Orgulho DC”, sendo elas sobre a *Kate Kane*, conhecida como a heroína *Batwoman*, assumidamente lésbica, que tem um debate interno sobre seu processo de autoaceitação; *Alan Scott* e o filho *Todd Rice*, respectivamente o herói *Lanterna Verde* e o vilão *Manto Negro*, ambos homossexuais, em uma conversa sobre o distanciamento dos dois e como a saída do armário do pai foi influenciada pela coragem do filho; *Nia Hal*, personagem transexual sendo introduzida no universo DC dos quadrinhos e heroína do grupo de heróis da *Supergirl*; os vilões *Cérebro* e *Mallah*, buscando uma solução para que possam estar juntos novamente; e, por fim, *Jackson Hyde*, o *Aqualad*, e o *Syl Ortega* lutando contra um vilão que tinha intenção de estragar a parada de orgulho LGBT.

**FIGURA 1** – Capa da variante Nightwing #81 Pride por Travis G. Moore & Alejandro Sánchez



Fonte: <https://www.emporiocomics.com/post/dc-comics-revela-nuevas-e-impresionantes-variantes-con-temática-del-orgullo>

#### 4.1 Kate Kane/Batwoman

A primeira narrativa gráfica analisada é justamente a história de abertura, intitulada “O lado errado do espelho”, escrita por James Tynion IV e com arte de Trung Le Nguyen. A história da HQ é baseada na série *Batwoman*, que durou de 2019 até 2022 e foi cancelada pela CW, canal estadunidense responsável pela produção e reprodução do show. Nesta história, a personagem *Batwoman*, ou *Kate Kane*, assumidamente lésbica, relembra a infância com sua irmã *Beth* que, depois de anos dada como morta após um acidente que resultou no seu sumiço, volta como a vilã *Alice* aterrorizando Gotham.

Durante a lembrança, que consistia em uma brincadeira na qual uma irmã imitava a outra como se estivesse em frente a um espelho, a *Batwoman* faz uma reflexão sobre sua tentativa ao longo dos anos de ser mais feminina, de usar roupas de “dama” e maquiagens, além de como se sentia ao ouvir as outras garotas falando de rapazes e de como usava sua imaginação para imaginar tais meninas sentindo o mesmo por ela, resultando em um misto de felicidade e tristeza; e sobre como essas situações a faziam se sentir como se estivesse no lado oposto de um “espelho”, sendo este o lado “falso”, tendo que passar por esse processo de autoaceitação sem sua irmã e melhor amiga.

No quadro da figura 2 ela se reencontra como a heroína *Batwoman* e mulher lésbica; nele aparece o personagem bissexual *John Constantine* e a personagem *Ryan Wilder*, também lésbica, que substituiu a *Kate Kane* na série de TV citada acima, além de outros personagens LGBTQIA+ da DC, relacionando-se com a mensagem dos balões sobre o não isolamento que é se encontrar com semelhantes. É pontuado aí, então, para o leitor, que mesmo parecendo viver do “lado errado do espelho”, você vai encontrar pessoas iguais, permitindo que não haja mais sentimentos de solidão e, “com o tempo, você aprende a amar essa parte de você que fez com que se sentisse tanto do lado errado / E, então, você descobre o poder que há nessa parte e aprende ter ORGULHO de quem você é.” (ORGLHO DC, 2021, p.17).

O tema “insegurança sobre si mesmo” está também exposto na próxima narrativa, assim como a relação entre pai e filho homossexuais.



FIGURA 2 - Batwoman



Fonte: Orgulho DC (2021, p. 17)

#### 4.2 Alan Scott/Lanterna Verde e seu filho, Todd Rice/Manto Negro

Outra história que segue as temáticas “insegurança” e “família”, assim como a anterior, é a quinta presente na *DC Pride* sob o título “Ele é a luz da minha vida!”, com Sam Johns no roteiro, Klaus Janson nas ilustrações e Dave McCaig na coloração. Fala sobre o *Manto Negro*, que assumiu sua homossexualidade em 2006, antes da reinicialização das histórias do universo DC e não aparece neste novo momento da empresa, e seu pai, o *Lanterna Verde*, Alan Scott, que, em 2012, surge com um namorado, já fazendo parte dos Novos 52<sup>9</sup>. Nesse enredo, conta ao seu filho, com quem não é muito próximo, como se tornou *Lanterna Verde* e quem foi *Jimmy Henton*, primeiro homem por quem ele foi apaixonado e perdeu em um acidente que o transformou no *Lanterna Verde*. A conversa ocorre em um local ponto de encontro da comunidade LGBTQ+, onde, segundo *Scott*, muitos anos antes era, além de tudo, uma forma “segura” e escondida de ser livre, no qual poderiam se relacionar com pessoas parecidas entre si.

Persianas fechadas, entrada somente pelos fundos do estabelecimento, era assim que o bar funcionava, inclusive pela proibição de venda de bebidas alcoólicas mesmo após o fim da lei seca nos Estados Unidos, pois esse tipo de local não obteria licença para vender álcool, visto que “eles diziam que tínhamos corrompido a fibra moral e nos tornaram criminosos para provar isso” (ORGULHO DC, 2021, p. 52), como exposto na figura 3 ao reproduzir a rigidez das autoridades no combate ao “homossexualismo” como era conhecido na época durante uma conversa informal entre os personagens, com a utilização do anel do *Lanterna Verde* para demonstrar em 3D a descrição da narração sobre aquele período; nesta descrição pode-se ver vários homens espalhados pelo bar, tanto bebendo sozinhos, como em grupo ou em dupla, além do barista passando, preparando e servindo as bebidas; destaque para a escolha cromática e como os personagens principais se destacam nos quadros.

<sup>9</sup> Linha editorial da DC Comics que “resetava” a história cronológica dos quadrinhos, no início dos anos 2010, refazendo a narrativa de suas personagens.

Alan, então, diz ao seu filho, Todd Rice, já no final do enredo, que, apesar de não ter estado sempre por perto, acompanhou a sua história, além dele ser o motivo pela sua “saída do armário” mesmo que ocorrida tardiamente e, a partir de então, estará sempre ali para ele.

**FIGURA 3** – Alan Scott, o Lanterna Verde, e Todd Rice, o Manto Negro.



Fonte: Orgulho DC (2021, p. 52)

A próxima história traz a introdução de uma personagem no Universo DC, com uma reflexão sobre a liberdade humana.

### 4.3 Nia Hal/Sonhadora

Personagem transexual feita para a série de TV *Supergirl* (2015-2021), a *Sonhadora* faz sua estreia nas HQs nesta edição, na história nomeada de “O Encontro”, roteirizada pela atriz Nicole Maines, que interpretou a mesma personagem na série; Rachael Stott fez as ilustrações e Eurica Eren Angiolini foi a responsável pelas cores. Esta personagem, cujo nome é *Nia Hal*, é metade humana, metade *naltoriana*, consegue ver o futuro através dos seus sonhos, além de poder canalizar o “Sonhar” como arma de disparo único; faz parte do grupo de heróis da *Supergirl*.

Na *DC Pride #1*, ela combate, sozinha, a organização secreta Liga das Sombras, que tem intenção de “restaurar o equilíbrio” da humanidade eliminando parte da população. Após a luta, *Nia* vai ao encontro de seu namorado alienígena, *Brainiac-5*, um *Querl Dox* que possui uma superinteligência nível 12, que também adentra na equipe da *Supergirl*. Durante a história, ela faz um paralelo sobre a intenção dos vilões em tirar a liberdade das pessoas refletindo na importância da liberdade em si, a qual define como inestimável, como “a liberdade de ser quem realmente é”, bem como “a liberdade de amar” e a “liberdade que vem da paz de espírito”. Na figura 4, ela está algemada ao chefe da organização que acabou de

derrotar, estando ele desmaiado e com um escrito em sua testa significando *Bela Adormecida*<sup>10</sup>, tendo um risco no “bela”, em uma brincadeira com a personagem da *Disney* e a desconsideração da possível beleza do personagem da HQ; enquanto está provavelmente em um cinema com seu namorado. Além disso, nesse mesmo quadro, ela afirma, em forma de pensamento, “proteger as pessoas, suas vidas e suas liberdades” (ORGULHO DC, 2021, p. 80), além dos seus sonhos.

**FIGURA 4** – Sonhadora e Brainiac-5



Fonte: Orgulho DC (2021, p. 80)

A história a seguir trata sobre visibilidade, ao fazer um paralelo com um personagem que, na realidade, não consegue “ver” os outros por uma óptica emocional.

#### 4.4 Cérebro e Mallah

O cientista que ficaria conhecido como *Cérebro* cria um primata em laboratório e faz diversos experimentos nele ao longo dos anos. Pouco a pouco, os dois se aproximam pela grande quantidade de tempo que passam juntos e se apaixonam, antes mesmo de *Monsieur Mallah* desenvolver o processo de fala devido às experiências que o fazem aprender os idiomas francês e inglês. No entanto, em um determinado dia, o laboratório em que estão sofre um atentado e o gorila consegue salvar seu amor, só que não por completo, visto que o corpo está todo queimado e, por isso, somente seu cérebro poderá ser salvo, fazendo com que ele só possa enxergar o mundo de forma racional e matemática, após ser ligado a um potente computador.

Na HQ fonte deste trabalho, os dois, que ingressaram no crime por causa da busca por vingança, estão assaltando uma empresa tecnológica chamada *Lexcorp*, com intenção de usar suas ferramentas para voltar com alguns sentidos do *Cérebro*. A capitã *Maggie Sawyer*, então, ao perceber na voz de *Mallah* que algo não estava correto, corajosamente entra sozinha e desarmada para tentar, emocionalmente, resolver a situação. Após uma longa conversa, é aceita a libertação dos reféns em troca da ajuda da *Maggie*, que consegue, no final, fazer o *Cérebro* não só ver como reconhecer e sentir amor novamente pelo gorila *Mallah*, como mostra a figura 5,

<sup>10</sup> Tradução do original em inglês: “Sleeping Beauty”

momento exato dessa interação, em uma cena com o gorila visivelmente emocionado e a capitã, ao fundo, feliz e satisfeita, enquanto o cientista, atrás da “câmera” e por onde está a perspectiva do leitor, anuncia o êxito na tentativa de conceder emoções a ele. Esta história foi escrita por Steve Orlando com arte de Nic Klein, intitulada de “Visibilidade”.

**FIGURA 5** – Cérebro revendo Mallah pela primeira vez.



Fonte: Orgulho DC (2021, p. 90)

A última história aborda questões como injustiça e orgulho de ser LGBTQIA+, com o personagem Aqualad mais a junção de vários outros heróis.

#### 4.5 Jackson Hyde/Aqualad e Syl

Na última história da HQ, nomeada “Vida Amorosa”, de roteiro do Andrew Wheeler, ilustrações de Luciano Vecchio e cores de Rex Lokus, *Jackson Hyde*, o *Aqualad*, encontra-se pela primeira vez com o *Sylvan "Syl" Ortega*, em uma parada LGBTQIA+. Durante a passeata, uma estranha chuva começa a molhar a todos, até que *Syl* percebe ser um feitiço do vilão *Eclipso*, fazendo com que as pessoas fossem inundadas com seus medos, inseguranças e ansiedades, inclusive o protagonista, que começa a desabafar efusivamente sobre a dor e injustiça do mundo e como ele lida com isso, como mostra a figura 6, sendo enfatizada pela expressão de raiva estampada no seu rosto e pelo aperto no seu punho; enquanto seu amigo, aprendiz de feiticeiro, consegue ser imune ao fazer um feitiço mostrado pelo brilho verde em sua mão esquerda que, posteriormente a essa cena, seria estendida ao seu companheiro. Ainda é mostrado um civil praguejando aos céus afirmando que todo o ano está “amaldiçoado”, por considerar que a chuva atrapalhara o evento.

*Hyde*, então, ao compreender do que se tratava, inicia uma luta com o vilão, enquanto *Syl* vai chamar outros heróis queers<sup>11</sup> em uma analogia de união e orgulho daquelas pessoas em lutarem pelo direito de ser quem são, dizendo que:

“É por isso que estamos lutando. Pelo direito de estarmos por aí, pelo mundo, visíveis e sem medo. / Vai haver dias ruins, e nós vamos liderar a luta pra todos que nos seguirem... / E nós também estamos seguindo as pessoas que lutaram por nós. E devemos a elas aproveitar ao máximo os dias como este. / Não estamos só compartilhando essa luta. / Estamos demonstrando o nosso orgulho.” (ORGULHO DC, 2021, p. 122).

**Figura 6** – Jackson Hyde enfurecido devido ao feitiço de Eclipse



Fonte: Orgulho DC (2021, p. 116)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi exposta a história das histórias em quadrinhos, desde quando se começa o que poderia ser considerado hoje as primeiras aparições de signos semelhantes ao conceito conhecido atualmente; também foi mostrado como o hipergênero foi subjugado e desprezado sendo apontado como culpado pela possível deficiência cognitiva de crianças e adolescentes. Mais à frente no texto, é apresentado o percurso caminhado pela comunidade LGBTQIA+ na abertura pela visibilidade ao longo dos anos, sofrendo com a censura da CCA e com o preconceito da sociedade; neste mesmo tópico, vimos que esta abertura pode ser vista como resultado da luta desta comunidade, pois, utilizando o conceito de Chartier, sua existência e práticas sociais “forçaram” as mídias e os âmbitos oficiais a representarem essas pessoas nos meios sociais, como filmes, séries e HQs, e oficiais, com leis e punições para discriminações. Ao final, cinco histórias da edição

<sup>11</sup> De acordo com o Manual de Comunicação LGBTI+: Um adjetivo utilizado por algumas pessoas, em especial pessoas mais jovens, cuja orientação sexual não é exclusivamente heterossexual. De modo geral, para as pessoas que se identificam como queer, os termos lésbica, gay, e bissexual são percebidos como rótulos que restringem a amplitude e a vivência da sexualidade. O termo queer também é utilizado por alguns para descrever sua identidade e/ ou expressão de gênero.

“Orgulho DC” foram escolhidas e apresentadas, mostrando suas reflexões sobre importantes temas que envolvem esse coletivo.

Dessa forma, percebe-se que é necessário e significativo abrir espaço para a presença de grupos considerados minoritários. A visibilidade da comunidade LGBTQIA+, por exemplo, pode ampliar o reconhecimento sobre ela, o que diminuiria violências e preconceitos, além de encorajar pessoas a se assumirem, bem como aos pais e familiares compreenderem e aceitarem seus filhos como são. Isto posto, é preciso reconhecer que inúmeras séries, filmes, HQs e outras mídias já possuem certa quantidade de personagens lésbicas, gays, bissexuais, transexuais etc., como mostra um estudo realizado pela organização não-governamental estadunidense Glaad<sup>12</sup> que indica um número recorde de personagens regulares em séries estadunidenses que são LGBTQ na temporada de transmissão 2021-2022, em horário nobre na TV aberta, tendo uma porcentagem de 11,9% em relação ao total de personagens regulares nestes shows. Na TV fechada, também em horário nobre, subiu de 81 para 87; em séries de *streaming*, o aumento foi em 150 personagens da comunidade de uma temporada para a outra. Não estão apresentados acima, ainda, os personagens recorrentes, que não são protagonistas ou perto disso, mas aparecem com frequência.

A imagem que fecha a História em Quadrinhos *DC Pride*, exposta na figura 7 (p. 122), mostra vários personagens queers que estiveram presentes na HQ e/ou que estão no Universo DC, lutando todos juntos fazendo um paralelo de união, compartilhamento e demonstração do orgulho de ser quem é e a resiliência da comunidade LGBTQIA+.

**Figura 7** – LQJ (Liga da Justiça Queer<sup>13</sup>) ajudando Aqualad a derrotar Eclipto.

---

<sup>12</sup> Gay & Lesbian Alliance Against Defamation ou, em tradução livre, Aliança Gay e Lésbica Contra a Difamação.

<sup>13</sup> Nome dado ao grupo em forma de brincadeira pelo personagem Gregório de La Veja, conhecido também como Extraño



Fonte: Orgulho DC (2021, p. 122)

Para finalizar, necessita-se saber que o Brasil ainda é o país que mais mata pessoas LGBTQIA+ no mundo. De acordo com o Dossiê de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, publicado pelo site Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+, ocorreram, em 2021, 316 mortes LGBTs violentas no país, entre assassinatos, suicídios e outras causas, tendo um aumento de 33,33% com relação ao ano anterior<sup>14</sup>. É imprescindível, então, o conhecimento em relação a este assunto e sobre essas pessoas, e reflexão, pois não é somente uma luta por visibilidade e maior aparecimento em mídias sociais, mas também e principalmente pela sobrevivência e bem-estar desses sujeitos.

É simbólico ver essa imagem de heróis, super-heróis, anti-heróis e até mesmo vilões, todos juntos, batalhando por um direito que deveria ser inerente ao ser humano, pelo direito de viver, pelo direito de amar, pelo direito de ser e de existir. Esses personagens, na “vida real”, são as pessoas que resistem e persistem diariamente contra a arbitrariedade que tenta ditar a sexualidade alheia. É animador, no entanto, imaginar-se em um planeta onde o discurso e a luta dessas pessoas tenham êxito; que os heróis sem capa da realidade transformem o mundo em um lugar mais igualitário, justo e pacífico. Que o amor, enfim, vença.

## REFERÊNCIAS

BARROS, José D’Assunção. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Revista Diálogos**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3055/305526860014.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2022.

<sup>14</sup> Informações tiradas do site: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtbrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2021/>

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Editora Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

\_\_\_\_\_. **A história cultura**: entre práticas e representações. 2. ed. Algés: Difel, 2002.

\_\_\_\_\_. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601/10152>. Acesso em: 09 nov. 2022.

COELHO, Fabiano. Conceitos “cultura” e “representação”: contribuições para os estudos históricos. **Fronteiras**: Revista de História, Dourados, v. 16, n. 28, p. 87-99, 2014. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/4544/2324>. Acesso em: 09 nov. 2022.

MACHADO, Bernardo de Mendonça. **Traduzindo quadrinhos**: em busca de um mundo mais calmo. 2018. 63 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Letras)-Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

ORGULHO DC. Barueri: Panini Brasil, 2022.

REBLIN, Iuri Andréas. Relacionamentos homoafetivos nos quadrinhos e seu lugar na discussão acerca do princípio da igualdade de direitos. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 3., 2012, Pelotas. **Anais [...]**. Pelotas: Ufpel, 2012. p. 1-14.

VERGUEIRO, Waldomiro. De marginais a integrados: o processo de legitimação intelectual dos quadrinhos. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Anpuh, 2011. p. 1-17. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300921069\\_ARQUIVO\\_Historias\\_emQuadrinhosANPUH2011.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300921069_ARQUIVO_Historias_emQuadrinhosANPUH2011.pdf). Acesso em: 9 nov. 2022.

\_\_\_\_\_. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. **DataGramaZero**: Revista de Ciência da informação, [S. l.], v. 6, n. 2, 2005. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/001502706.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2022.